

BALANÇO 2020

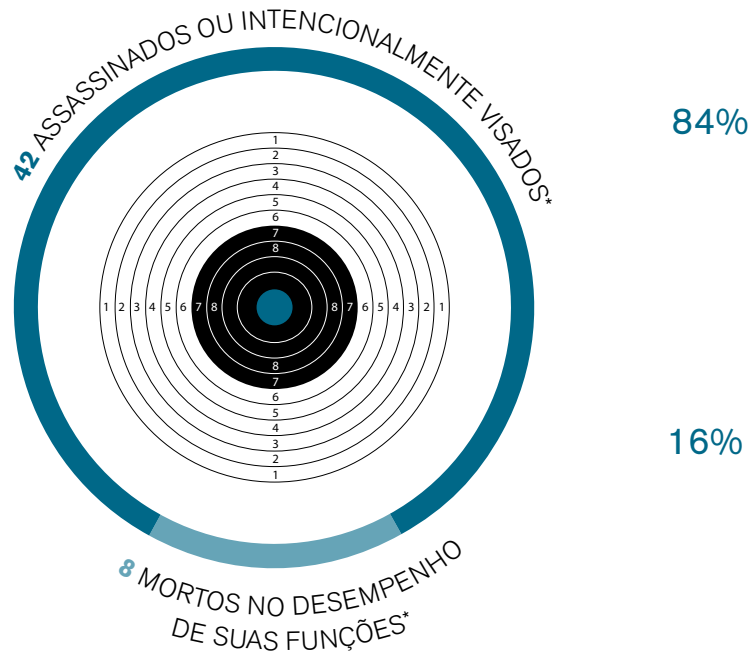
DOS JORNALISTAS MORTOS

OS JORNALISTAS MORTOS

EM NÚMEROS



OS JORNALISTAS MORTOS

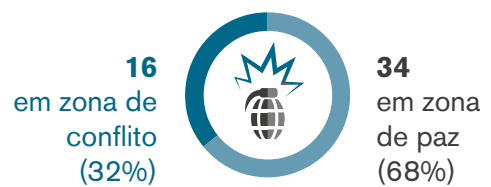
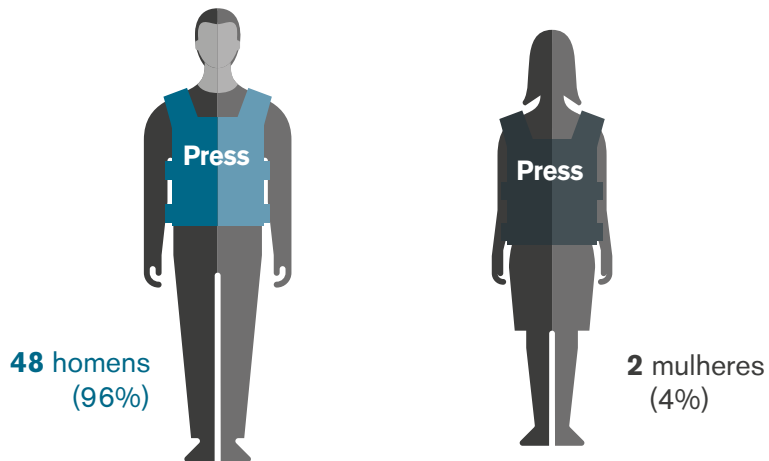


* ASSASSINADOS OU INTENCIONALMENTE VISADOS:

Jornalistas mortos deliberadamente por causa da profissão

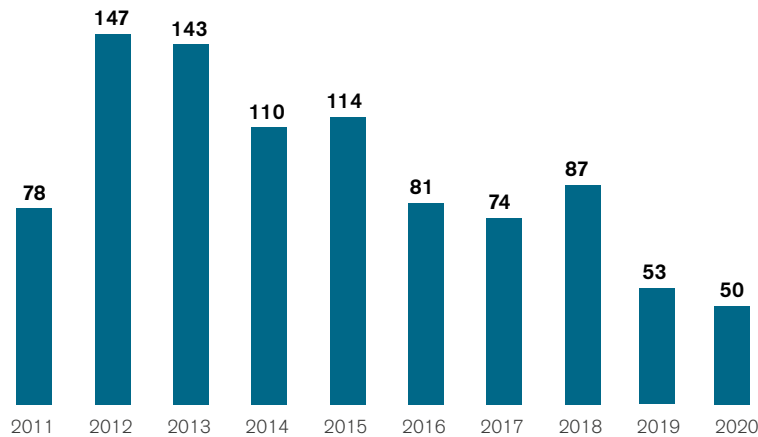
* MORTOS NO DESEMPENHO DE SUAS FUNÇÕES:

Jornalistas mortos em campo sem terem sido visados como tal



OS JORNALISTAS MORTOS

937 jornalistas mortos em 10 anos



Em 2020, 50 jornalistas mortos, na maioria assassinados

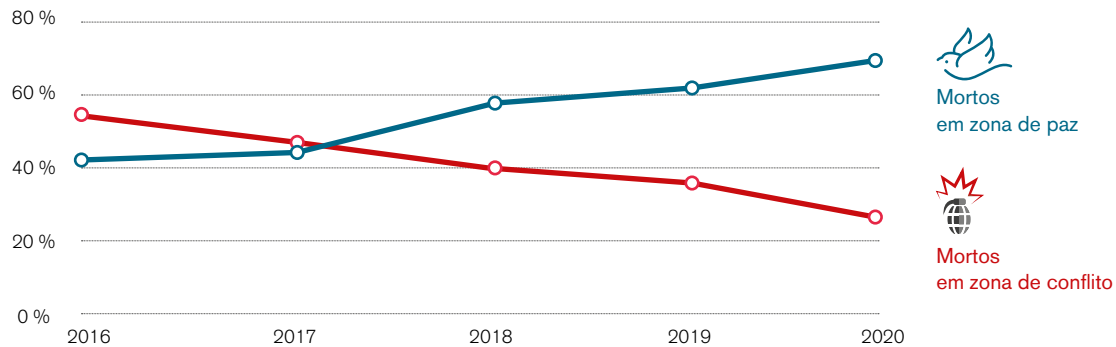
A Repórteres sem Fronteiras (RSF) registrou a morte de 50 jornalistas no desempenho de suas funções em 2020 (entre 1º de Janeiro e 15 de dezembro). Número semelhante ao de 2019 (quando 53 jornalistas foram mortos), embora menos equipes tenham ido a campo por causa da pandemia de Covid-19 neste ano. Com os dados de 2020, sobe para **937** o número de jornalistas mortos nos últimos 10 anos.

Sete em cada 10 jornalistas mortos estavam em países em situação de paz

O monitoramento de 2020 também confirma uma tendência, iniciada em 2016, que vem se fortalecendo nos últimos dois anos: **o número de jornalistas mortos em zonas de guerra vem diminuindo** e agora os países mais mortais para jornalistas são os considerados em situação de paz. Em 2020, **cerca de 7 em cada 10 jornalistas (68%) foram mortos em zonas de paz**, enquanto em 2016, apenas 4 em cada 10 foram mortos fora de zonas de conflito.

OS JORNALISTAS MORTOS

Jornalistas mortos em 10 anos

**84% dos jornalistas mortos foram visados intencionalmente**

Essa inversão de tendências se reflete, sem surpresa, no número de jornalistas mortos no cumprimento do dever e no daqueles que foram intencionalmente visados e deliberadamente eliminados por causa de sua profissão. Em 2020, **84% dos jornalistas mortos foram assassinados**, comparado a 63% em 2019. Alguns foram **mortos em condições particularmente sórdidas**, especialmente no México e na Índia, onde jornalistas foram decapitados, esquartejados ou mortos com facões.

Numerosos assassinatos de jornalistas investigativos

Os assassinatos visam, em particular, jornalistas que trabalham com assuntos delicados. Este ano, 4 jornalistas foram mortos enquanto investigavam as atividades da máfia. Além disso, **10 jornalistas foram assassinados por suas investigações sobre casos de corrupção local ou desvio de verbas públicas, e 3 foram mortos enquanto trabalhavam em assuntos relacionados a questões ambientais** (casos de mineração ilegal e grilagem).

Violência extrema durante manifestações

Novidade em 2020: **7 jornalistas foram mortos enquanto cobriam manifestações no Iraque (4), na Nigéria (2) e na Colômbia (1).**

OS JORNALISTAS MORTOS

OS PAÍSES MAIS PERIGOSOS DO MUNDO
PARA JORNALISTAS

Os cinco países mais letais



América Latina

México, barbárie com total impunidade

É uma triste constante. Em 2020, com o registro de 8 jornalistas mortos¹, **o México confirma sua posição de liderança na categoria dos países mais perigosos para a profissão**. Nos últimos cinco anos, o país testemunhou uma média consistente de 8 a 10 jornalistas assassinados a cada ano. A chegada ao poder, há dois anos, do presidente Andrés Manuel Lopez Obrador não aliviou os flagelos que assolam o México. Os vínculos entre os traficantes de drogas e a classe política permanecem, e os jornalistas que se atrevem a abordar esse cenário continuam sendo alvo de assassinatos por vezes bárbaros. O jornalista do diário *El Mundo* **Julio Valdivia Rodríguez** foi [encontrado decapitado](#) no estado de Veracruz. Seu colega Víctor Fernando Álvarez Chávez, editor-chefe do site de notícias local *Punto x Punto Noticias*, foi [esquartejado](#) na cidade de Acapulco (estado de Guerrero). Esses dois crimes, como outros ocorridos no país, permanecem impunes.

¹ A esse número poderiam se somar a outros dois casos de homicídios, que seguem sob investigação e para os quais a RSF ainda busca estabelecer, com certeza, se estão vinculados ao trabalho jornalístico das vítimas.

OS JORNALISTAS MORTOS

Luis Almdares
© DR

Outro país da região está afundando em uma espiral de violência e impunidade. Com ao menos 3 jornalistas [mortos a tiros](#) em 2020, **Honduras, pelo segundo ano consecutivo, é o segundo país mais letal das Américas**. O assassinato mais recente teve como alvo o jornalista independente **Luis Almdares**, que denunciou a corrupção de funcionários locais em cargos eletivos e a violência cometida pela polícia. Assim como os outros dois jornalistas hondurenhos assassinados em 2020, ele foi morto a tiros sem que as autoridades tenham dado qualquer resposta ou que qualquer investigação séria tenha sido feita. O nível de impunidade dos assassinatos de jornalistas neste país ultrapassa 91%, segundo a Comissão Nacional de Direitos Humanos (CONADEH).

As circunstâncias da morte na Colômbia de **Abelardo Liz**, que trabalhava para a mídia comunitária *Emisora Nación Nasa*, tampouco foram esclarecidas. Ele foi [atingido por várias balas](#) enquanto cobria uma manifestação de comunidades indígenas contra a privatização de terras em sua região, que foi violentamente dispersada pela polícia, pelo exército e pelo batalhão de choque.

Oriente Médio e Ásia Central

Castigo arcaico e retrocesso



© DR

O final de 2020 ficará marcado pela **execução por enforcamento, no Irã**, do administrador do canal de Telegram *Amadnews*, **Rouhollah Zam**. Refugiado na França, sequestrado durante uma viagem ao Iraque pelos Guardas Revolucionários Iranianos e levado à força para o Irã, ele foi condenado à morte depois de um julgamento injusto com base na acusação de «corrupção na terra» (uma das acusações mais graves usadas pelos tribunais revolucionários). Há 30 anos, nenhum jornalista era vítima deste castigo arcaico e bárbaro. Com essa nova execução, o Irã confirma seu histórico de ter decretado a morte do maior número de jornalistas nos últimos 50 anos.

Malalai Maiwand
© DR

No Afeganistão, o mês de dezembro ficará marcado por outra execução: a de **Malalai Maiwand**, jornalista da *Enekaas TV* e representante do [Centro Afegão para a Proteção de Mulheres Jornalistas \(CPAWJ\)](#). Ela e seu motorista foram abatidos com vários tiros, perto do endereço residencial da jornalista, por homens armados não identificados. Um mês antes, o jornalista da seção pachtun da *Radio Azadi (Radio Free Europe, RFE)*, **Mohammad Aliyas Dayee**, foi morto instantaneamente quando uma bomba explodiu sob seu carro. A violência contra jornalistas e meios de comunicação aumentou no país nos últimos meses, embora uma trégua pudesse ser esperada como resultado das negociações de paz entre os talibãs e o governo afegão. Neste ano, outros três jornalistas foram mortos em atentados por carros-bomba e explosões. Embora nenhuma dessas mortes tenha sido reivindicada por grupos organizados, membros da sociedade civil afegã continuam a denunciar uma campanha de terror contra aqueles que criticam o obscurantismo religioso.

OS JORNALISTAS MORTOS

O Iraque também viu um retorno a tempos mais sombrios: 6 jornalistas foram mortos ao longo do ano. O método costuma ser o mesmo: homens armados não identificados [atiram em repórteres](#) durante a cobertura das manifestações populares que ocorrem desde 2019. Outros [colaboradores da imprensa](#), como o especialista em terrorismo **Husham Al-Hashimi** e o gerente-geral do canal *Al-Rasheed* **Nizar Thanoun**, foram mortos a tiros na rua, frequentemente perto de suas casas. Nenhum desses assassinatos foi investigado seriamente e os culpados nunca foram encontrados ou levados à justiça.

Ásia-Pacífico

Crueldade como modus operandi



Rakesh Singh « Nirbhik »
© NDTV - Prabhat Khabar



Isravel Moses
© Twitter

O ano de 2020 também terminou de forma particularmente violenta para os jornalistas indianos. Em três de cada quatro casos, a máfia local estava por trás do assassinato de jornalistas. Dois desses assassinatos foram especialmente bárbaros: jornalista do diário *Rashtriya Swaroop*, **Rakesh Singh “Nirbhik”** foi [queimado vivo](#), em sua casa no estado do norte de Uttar Pradesh, depois de ser encharcado com um desinfetante para mãos altamente inflamável, à base de álcool, por homens enviados por um oficial local cujas práticas corruptas o jornalista havia reportado. **Isravel Moses**, correspondente de um canal de televisão em Tamil Nadu, foi morto [a golpes de facão](#) no sudeste da Índia, depois que vizinhos o identificaram como jornalista para membros do crime organizado local.



Zulfiqar Mandrani
© photo fournie par la famille
- Asif Hassan / AFP

No Paquistão, o corpo do repórter **Zulfiqar Mandrani** foi encontrado em maio passado no sudeste do país com [duas balas alojadas na cabeça](#) e traços de tortura pelas suas costas inteiras. A polícia alega que foi um «crime de honra», mas é mais provável que ele tenha sido assassinado por investigar as atividades de um traficante de drogas local com ligações a um policial. O repórter foi um dos 4 jornalistas mortos no país em 2020.

OS JORNALISTAS MORTOS



Virgilio «Vir» Maganes
© RSF / Twitter



Jobert Bercasio
© Balangibog TV - RSF

Nas Filipinas, onde Rodrigo Duterte criou, com muito alarde, logo após assumir o país em 2016, um grupo de trabalho focado na segurança dos meios de comunicação, nada mudou. A cada ano, em 2018, 2019 e 2020, três jornalistas são mortos. Dois deles, [Virgilio «Vir» Maganes](#), da *Radyo Pilipino (DWPR)*, e o ex-editor do site de notícias local *Bicol Today*, [Jobert Bercasio](#), foram baleados a sangue frio, seis e cinco vezes, respectivamente.

África

Terrorismo e violência policial



Abdulwali Ali Hassan
© Facebook



Said Yusuf Ali
© Somalia Latest News

Na Somália, embora expulsos da capital Mogadíscio desde 2011, os insurgentes shebabs continuam a controlar partes do interior do país e a realizar ataques terroristas e assassinatos seletivos, alguns dos quais visam diretamente jornalistas. Jornalistas que cobrem atrocidades cometidas pelo governo e derrotas militares são frequentemente escolhidos como alvo. Foi o caso este ano de dois repórteres de televisão: [Abdulwali «Online» Ali Hassan](#), da *Universal TV*, [abatido](#) em fevereiro, e [Said Yusuf Ali](#), da *Kalsan TV*, [esfaqueado até a morte](#) em maio.



Onifade Pelumi
© Gboah TV

Dois jornalistas também foram mortos na Nigéria, que agora figura como o país mais perigoso para os meios de comunicação na África Ocidental. O clima de violência em que acontecem as grandes manifestações, que denunciam, em particular, a brutalidade de uma unidade policial encarregada da luta contra o crime, não poupa os jornalistas. O caso mais recente foi o do jovem repórter estagiário, [Onifade Pelumi](#), [encontrado morto](#) em um necrotério em Lagos, a capital econômica do país, quase duas semanas depois de ele ser preso durante uma manifestação que tinha ido cobrir.

OS JORNALISTAS MORTOS

O AGRAVANTE DO CORONAVÍRUS

Os jornalistas, assim como o restante da população mundial, não foram poupados pela pandemia de Covid-19. Centenas foram vítimas do coronavírus em todo o mundo, [em alguns países mais do que em outros](#). Embora, dessas centenas, não seja possível determinar se contraíram a doença no exercício da profissão, pelo menos três jornalistas morreram por não receberem tratamento adequado depois de, provavelmente, contraírem o vírus na prisão.

Na Rússia, [Aleksandr Tolmathev](#), editor-chefe das publicações *Pro Rostov e Oupolnomotchen Zaïavit'* da região de Rostov-sobre-o-Don, conhecido por expor a corrupção, morreu no dia 9 de novembro, cerca de um mês antes do fim de sua pena. Ele foi condenado a nove anos de prisão numa colônia penal e era mantido em condições extremamente severas. Sua viúva afirma que ele estava tossindo muito recentemente e suspeita que seu marido, que tinha 65 anos e uma saúde muito frágil devido aos maus-tratos sofridos, tenha contraído o vírus. Ela acusa as autoridades de tê-lo deixado para morrer na prisão sem tratamento.



Mohamed Monir
© DR

No Egito e na Arábia Saudita, dois jornalistas [morreram após claramente contraírem o coronavírus na prisão](#): o egípcio **Mohamed Monir**, preso depois de participar de um programa no canal *Al Jazeera*, e o saudita **Saleh Al-Shehi**, que trabalhava para o diário reformista *Al Watan*. Ambos foram soltos repentina e inesperadamente pouco antes de suas mortes. Mohamed Monir havia testado positivo para o coronavírus na prisão, poucos dias antes de sua libertação. Já Saleh Al-Shehi morreu de uma doença inexplicada, depois de ser levado à UTI logo após ser liberado, por conta de uma súbita deterioração do seu estado de saúde. Diversos veículos de comunicação locais consideraram que se tratava de um caso de Covid-19, mas isso não pôde ser confirmado devido à total falta de transparência por parte das autoridades sauditas.



Saleh Al-Shehi
© DR



NOTA METODOLÓGICA

A contagem total do balanço de 2020 estabelecido pela Repórteres sem Fronteiras (RSF) inclui jornalistas profissionais e não profissionais, bem como os colaboradores de meios de comunicação. No detalhamento, o balanço distingue tanto quanto possível essas diferentes categorias para permitir comparações de um ano para o outro.

Produzido anualmente desde 1995 pela RSF, o balanço anual de violações contra jornalistas baseia-se em dados coletados ao longo do ano. A RSF realiza uma coleta minuciosa de informações que permitem afirmar com certeza, ou ao menos com uma presunção muito forte, que a morte de um jornalista é consequência direta do exercício da profissão.

Os números desta edição cobrem o período até 15 de dezembro de 2020 e não leva em consideração os jornalistas mortos após essa data.

A RSF distingue entre casos de jornalistas mortos deliberadamente por causa da profissão e aqueles que morreram em campo, durante uma reportagem, sem serem alvos específicos. Os casos em que a organização ainda não conseguiu reunir os elementos necessários para estabelecer o vínculo entre a atividade jornalística e a violência cometida permanecem em investigação e não são contabilizados neste balanço.